

Os ingleses e a história do Brasil : uma história da historiografia (1809-1821)

Lílian Martins de Lima *

Resumo: A elaboração de uma “história do Brasil” foi objeto da atenção de ingleses – poetas, viajantes, diplomatas e naturalistas -, entre outros, que, ao longo do reinado de D. João VI produziram narrativas que almejavam apresentar ao Velho Mundo informações sobre essa região do globo, destinada a ser “um vasto império”, assim como ordenar a sua “desconexa e confusa” trajetória. Nosso objetivo é apresentar e analisar, as “histórias” de Andrew Grant, de Robert Southey e de James Henderson, que pautadas especialmente em narrativas de viagem, construíram uma interpretação da história do Brasil.

Palavras Chaves: Historiografia, Ingleses, narrativas de viagem.

Abstract: The elaboration of a “history of Brazil” was the object of attention of english – poets, travelers, diplomats and naturalist, among others, that during the reign of D. João VI produced narratives that wanted to present to the Old world informations about this region of globe destined to be “a vast empire”, thus to order their “disconnected and confused” trajectory. Our objective is to present and to analyze, “histories” of Andrew Grant, Robert Southey and James Henderson, that based on travelers narratives, had constructed an interpretation of the history of Brazil.

Keywords: Historiography, English, travel narratives.

I. A presença inglesa

É tópico comum na historiografia a referência a crescente presença e influência inglesa em território brasileiro, especialmente a partir do reinado de Dom João VI.¹ Grande parte dos estudos realizados destaca a penetração inglesa no abastecimento do mercado, ao fornecer uma expressiva quantidade de produtos, que iam desde tecidos finos até o investimento na construção de estradas de ferro. Tal presença, exemplificada na figura do mercador inglês – como era o caso de John Luccock, autor de *Notas sobre o Rio de Janeiro* -, não se deteve na vida material apenas, pelo contrário, notabilizou-se também no campo dos costumes, do vocabulário, das modas, da leitura, da botânica, da mineralogia, da política externa, da economia política e da história, entre outras. Para ilustrarmos a assertiva acima basta

* * Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Campus de Franca, Doutoranda, FAPESP.

¹ Como exemplificam as seguintes obras: ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Uma colônia entre dois impérios: a abertura dos portos brasileiros 1800-1808*. Bauru: Edusc, 2008; CAMPOS, Pedro Moacyr. *Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX*. In GLENISSON, Jean. *Iniciação em estudos históricos*. São Paulo: Difel, 1961; FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948; GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973; LIMA, Oliveira. *D João VI no Brasil*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996; MANCHESTER, Alan. *Preeminence in Brazil. Its rise and decline*. New York, Octagon Books, 1964.

atentarmos para a publicação de um expressivo número de obras que, ao longo do século dezenove, procuram informar sobre os mais diversos aspectos da então colônia portuguesa, como as narrativas de viagem de Thomas Lindley, *Narrative of a voyage to Brazil* (de 1805), ou então as observações de John Mawe - o primeiro estrangeiro a visitar Minas Gerais logo após a abertura dos portos – que culminaram em *Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamond districts of that country* (cuja primeira edição é de 1812), temática que também foi abordada, anos mais tarde, em 1846 por George Gardner - que se tornaria o superintendente do Jardim Botânico Real no Ceilão -, em *Travels in the interior of Brazil, principally through the northern provinces and the gold mining districts during the years 1836-1841*. De Henry Chamberlain, filho do cônsul britânico, temos a *Views and customs of the city and neighbourhood of Rio de Janeiro*, obra de 1821, que apresenta cerca de trinta e seis litografias além da descrição dos modos e costumes da cidade do Rio de Janeiro. No campo da botânica nos deparamos com as anotações de William Swainson, publicadas em 1834 que deram origem ao *The Birds of Brazil*. Acrescente-se ainda, a título de ilustração, no campo dos escritos que versam sobre economia a obra de John James Sturz, *A review, financial, statical and commercial of the Empire of Brazil and its resources*, publicada em Londres no ano de 1837. Por fim, cabe salientar a extensa produção escrita sobre a região amazônica como *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* de Alfred Russel Wallace, de 1853, ou então *A naturalist on the river Amazon*, de 1863, obra em dois volumes de Henry Walter Bates, fruto de seu percurso ao longo de onze anos na região do rio Negro, Solimões, Orinoco e Amazonas.

E, por sua vez, no campo da história, os ingleses não foram indiferentes. Ao longo do período joanino, foram publicadas na Inglaterra três “histórias do Brasil”, cujos autores, a saber, o médico Andrew Grant, o poeta Robert Southey e o viajante e diplomata James Henderson, se empenharam em narrar a trajetória da colônia portuguesa - desde o seu descobrimento até a chegada da família real - como também em divulgar úteis informações ao público, especialmente aos mercadores sobre as potencialidades de uma região destinada, nas palavras de Southey, a ser um “vasto império, tão vasto como já é e tão poderoso como um dia virá a ser”. Aos seus leitores, Henderson, autor da *A history of the Brazil: comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants* (HENDERSON, 1821:VIII), publicada em Londres em 1821 e fruto de sua viagem ao país em 1817 - advertia que

O leitor comum talvez não esteja particularmente interessado nos trechos desta publicação onde se depara com detalhes sobre as cidades e suas produções, nos quais a monotonia é inevitável, embora elas sejam preciosas referências para os mercadores e muitos outros, uma vez que, o crescimento do comércio nessa região [...] evidencia que, esse lugar se tornará, progressivamente, cada vez mais e mais importante.

II A construção de uma história do Brasil

Após essa breve incursão pela extensa produção escrita sobre o Brasil elaborada por ingleses, focalizaremos nossa atenção na apresentação e análise das narrativas produzidas entre os anos de 1809 a 1821. Procuraremos nessa comunicação destacar o importante papel desempenhado pelos relatos de viajantes nesse processo de escrita da história, assim como apontar para alguns traços comuns que permeiam essas narrativas. Nosso intuito, em linhas gerais, é investigar de que forma se deu esse processo de construção de narrativas acerca da história do Brasil.

Um ano após o desembarque da família real portuguesa, na oficina de Henry Colburn em Londres era publicada *A History of Brazil, comprising a geographical account of that country together with a narrative of the most remarkable events which have occurred there since its discovery*, escrita por Andrew Grant² e dedicada aos comerciantes e mercadores ingleses interessados em obter informações – até aquele momento raras e escassas, resultado, segundo o inglês “da ciumenta política portuguesa”- sobre “uma das mais interessantes colônias do globo”. A narrativa de Grant, composta em doze capítulos, busca apresentar o maior número de informações sobre o Brasil, razão pela qual, aborda exaustivamente as condições naturais, os nativos, além de narrar sobre os principais episódios de sua história, com destaque para as invasões francesas e a ocupação holandesa. Por fim, Grant aponta para as perspectivas futuras de comércio da região com a Grã Bretanha e elabora um curioso apêndice, no qual destaca os cuidados necessários com a saúde, notadamente para àqueles não habituados com as condições climáticas do Novo Mundo.

Ao percorrer as mais de trezentas páginas da obra de Grant, o leitor se depara com um panorama que aponta para a imensa fertilidade das terras, as boas condições climáticas, a diversidade étnica de seus habitantes assim como o descaso da administração portuguesa, mais interessada em suas possessões na Ásia, tidas como “a rota para a fama, a riqueza e o poder”. Nas páginas iniciais de sua narrativa, Grant não deixa de mencionar o completo descaso da Coroa portuguesa, que durante os primeiros anos se contentou em enviar degredados para as terras recém descobertas. (GRANT, 1809: 4)

² São conhecidas poucas informações sobre Andrew Grant, tanto no Brasil como na Inglaterra. Em 1809 publica em Londres uma história do Brasil que, anos depois em 1811, ganha uma tradução francesa.

[...]uma vez confirmada a descoberta, a fertilidade do solo e a sua capacidade de produzir em abundância o necessário para a vida, ainda que não fossem encontrados ouro e prata, o governo se contentou em enviar criminosos e libertinas. Dois navios foram carregados anualmente de Portugal para transportar esses infelizes para o Novo Mundo.

O completo abandono das terras descobertas somado, anos depois, aos excessivos poderes concedidos aos donatários das capitanias hereditárias se constitui em críticas compartilhadas entre os ingleses. Tal como Grant, Robert Southey³ – autor da clássica *History of Brazil*, obra de três volumes, publicada entre os anos de 1810 a 1819 - apontava que o descaso português com a colônia era tamanho que apenas à iniciativa de particulares se poderia creditar o crescimento e avanço da civilização nessas terras.(SOUTHEY, 1810: 58, vol I).

Os particulares [...] entregues a si mesmos se estabeleciam pelos portos e ilhas ao longo da costa, e vilas e aldeias iam surgindo. Por cerca de trinta anos ainda depois de sua descoberta foi assim descuidado o país, durante este tempo adquiriu ele importância bastante para merecer alguma consideração à Corte.

Frente a esse descaso português, Grant destaca a presença, especialmente de franceses e de holandeses, que em momentos diferentes, buscaram se estabelecer no território brasileiro, contando muitas vezes com o auxílio dos nativos, afinal, no caso francês, por exemplo, “durante um curto período da posse francesa do território, eles foram capazes de estabelecer uma amigável correspondência com os nativos, algo que os portugueses não conseguiram levar a cabo em cinquenta anos”. (GRANT, 1809: 46).

Outro destaque presente na narrativa de Grant está na análise sobre a atuação dos jesuítas. Se por um lado, a administração portuguesa é alvo de críticas, por outro, a presença dos membros da Companhia de Jesus – “esses homens santos” são, para Grant, um dos exemplos dos efeitos benéficos do homem europeu sobre o Novo Mundo, ao proporcionar aos nativos os conhecimentos das ciências e das artes, que, não seriam despertadas nos nativos sem a presença dos missionários - temática que se tornará uma *tópica* na narrativa elaborada pelos ingleses. Assim como Grant, Henderson e Southey tecem elogios para a atuação da Companhia de Jesus, considerada a responsável por difundir as poucas luzes de sabedoria em solo brasileiro, notadamente personificada na figura de Manuel da Nóbrega, a quem, para Southey “não há ninguém a cujos talentos devam o Brasil tantos e tão permanentes

³ Sobre Robert Southey ver: CEZAR, Temístocles. O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência histórica no Brasil do século XIX. *História Unisinos*. vol.11, n.3, p.306-312, set.dez 2007;DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*.São Paulo: CEN, 1974; LEITE FILHO, Joaquim de Sousa. Robert Southey. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1943, jan;mar, vol. 178.

serviços.”(312). O poeta laureado enfatiza ainda o importante papel desempenhado pelos jesuítas junto aos indígenas na resolução de conflitos. (SOUTHEY,1817: 40, vol.II).

A resposta pronta foi que fariam o que os padres quisessem.[...]. Outra vez se recorreu aos jesuítas e, de novo prevaleceu a sua influência; os Pitaguaras disseram que fariam o que se queria, por amor deles, e não em atenção ao comandante. Em toda essa transação mais é de admirar-se o poder que os missionários haviam adquiridos sobre os índios do que o uso que dele fizeram.

Henderson, por sua vez, se refere aos membros da Companhia como “sem dúvida, a melhor classe de eclesiásticos que visitaram o Brasil, não apenas, como é frequentemente mencionado, pela cristianização dos indígenas como, em geral, no incentivo à literatura.”. (HENDERSON, 1821: 30).

Uma terceira tópica compartilhada pelos ingleses se constituía na população indígena e suas conflituosas relações com os colonos europeus. Primeiramente, cabe notar que, especialmente em Southey - um importante nome do Romantismo inglês - a figura do indígena não desemboca em elogios aos costumes ou na idealização da vida selvagem, em resumo, na idéia do “bom selvagem”; ao contrário, desde as primeiras páginas de sua *História*, o inglês apresenta-o como selvagens sanguinários, dotados de “raros exemplos de virtude” cujo contato com os europeus só foi capaz de produzir males. Na obra de Henderson, o destaque fica por conta da ênfase nas rivalidades entre as tribos, o que evidenciava um cenário nada harmonioso. (SOUTHEY, 1810: 46, grifo nosso); (HENDERSON, 1821: 360).

As suas relações com os selvagens não produziram senão males: todos se tornaram piores; os antropófagos adquiriram novos meios de destruição, os europeus novas práticas de barbaridade. Estes perderam esse horror humano aos banquetes sanguinários que, malvados como eram, haviam sentido ao princípio; aqueles, esse respeito e veneração duma raça superior, sentimentos que em bem de todos se podiam ter cultivado.

[...]. Diz-se que eram (caetés) os mais brutais que as outras tribos, pois que entre eles pouca afeição natural se percebia. Conta-se o exemplo de um que, sendo escravo dos portugueses atirou a filha ainda criança ao rio porque chorava. Este fato único só provará a brutalidade individual mas refere-se como exemplo do insensível caráter genérico.

Estes índios foram divididos em quatro nações que sempre exibiram o mais irreconciliável ódio uns aos outros e, até o presente dia, eles preservam essa antiga animosidade. [...].

Nas “*histórias do Brasil*” elaboradas ao longo do período joanino, as limitações do cenário tropical são compreendidas como passíveis de superação apenas com a propagação do conhecimento, dos refinamentos da cultura européia, da ciência, da literatura que, esses autores, em tom uníssono, postulam para o Novo Mundo. Logo, a observação feita por Gilberto Freyre em um ensaio sobre Southey de que esse último “nunca viu no índio da

América, como outros românticos do seu tempo, aquela figura rara do selvagem, superior em todas as virtudes ao europeu e ao negro”(FREYRE, 1942:75), pode também ser estendida à Grant e a Henderson.

Se, por um lado, nos deparamos com a exaltação da natureza tropical, por outro, o poeta inglês adverte para as limitações que esse mesmo cenário impõe, seja pelo abandono cultivado pela Coroa ao longo dos anos, ou ainda, pela selvageria das populações nativas, que dificultavam a penetração de modos e de idéias “mais sofisticados” nas terras do Novo Mundo. Ao relatar sobre a fundação de São Paulo, Southey salienta que, mesmo após a conversão dos indígenas, muito ainda deveria ser feito pelos jesuítas para propagar não apenas a fé, os bons modos europeus, como também a instrução no latim, na filosofia e na teologia⁴. Já no capítulo final de sua *História*, James Henderson advoga que não apenas o progresso comercial deva ser almejado como também “a introdução da literatura, da ciência, das artes e da conseqüente prevalência da ordem social e liberal [...]”. (HENDERSON, 1821: 315).

As narrativas desses ingleses não deixavam de destacar ao lado de assuntos como a atuação jesuíta e a relação conflituosa entre indígenas e europeus, a intensa presença de escravos africanos. Essa temática não apenas incomodava os viajantes ingleses como rendeu, ao longo do século XIX, um intenso debate diplomático⁵. Especialmente em Henderson e Southey, o extenso uso da mão de obra escrava, tanto no campo como nas cidades, foi detalhado com comentários e, no caso de Henderson com gravuras, que apontavam, mais uma vez, para as adversidades oferecidas pelo Novo Mundo à implantação da cultura européia. (HENDERSON, 1821: 10); (GRANT, 1809: 121; 233).

No desembarque [...] uma impressão nada favorável : as estreitas ruas, cheias de negros que entoam canções selvagens como um encorajamento para as cargas que arrastam preenchem a mente do estrangeiro, desacostumado com tais cenas. [...].

Esses desafortunados seres são acusados de quase todos os crimes pelos seus tiranos. [...]. Seja como for, o testemunho de homens que tem degredado a natureza humana através do tráfico de escravos jamais deve ter peso, uma vez que esses indivíduos estão aptos para caluniar aqueles que acusam, como se, ao imputar os vícios ou crimes [dos escravos], eles pudessem justificar ou ao menos mitigar os seus próprios. [...].

O maior prazer de um baiano e também do brasileiro, em geral, parece consistir em um estado de inércia tanto mental como corporal. Tudo é confiado aos seus escravos [...].

⁴ Cf.”Ainda os planos de Piratininga não tinham sido melhorados pela cultura européia, a natureza, em verdade, os prepara para um paraíso terrestre, mas qual ela os deixara, assim estavam, não assistidos da arte humana.” In: SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. ; traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro ; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo, São Paulo : Obelisco, 1965, p.266, 1v.

⁵ Para maiores informações, consulte: ALEXANDRE, Valentim. *Os sentidos do império*. Questão Nacional e Questão Colonial na Crise do Antigo Regime Português. Porto: Edição Afrontamento, 1993; CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978; MANCHESTER, Alan. *Preeminence in Brazil*. Its rise and decline. New York, Octagon Books, 1964.

Southey destacava ainda que, o cruzamento das três raças – tema que exercerá um papel crucial nas discussões sobre o caráter nacional no final do século XIX⁶ - comprometia o progresso do país, uma vez que era responsável pelo surgimento de novas moléstias “que o mais hábil físico ficava perplexo à vista de desconhecidos sintomas”. (SOUTHEY, 1810: 329, vol I). Em linhas gerais, esse era o panorama vislumbrado pelos ingleses ao longo das narrativas: uma região de grande potencialidade, especialmente comercial que, no entanto, apresentava limitações como a ignorância generalizada de seus habitantes, a insensata política e administração portuguesa, a presença maciça de escravos que, somados, obstavam o “crescimento natural de tudo o que adorna e concede poder à um império”. Porém, o país e seus habitantes não estavam condenados ao atraso, ao contrário, medidas como a adoção da monarquia constitucional, o estímulo às artes e a ciência, e a adoção de práticas comerciais sem monopólio e sem restrições, eram compreendidas como uma espécie de pontapé inicial para o avanço do país e do estreitamento das relações com os súditos britânicos. E, nesse sentido, a série de medidas implantadas a partir da chegada da Corte Portuguesa era exemplar dessa prosperidade anunciada nas narrativas, como sugere a abertura dos portos, amplamente saudada pelos mercadores ingleses.

Uma vez esclarecida, ainda que de forma sumária, o universo compartilhado de interpretação da história do Brasil pelos ingleses, cabe questionar sobre de que forma se deu esse processo de construção de narrativas sobre o país. Cabe notar aqui que os relatos de viajantes exerceram um papel de destaque, afinal se constituíam na principal fonte de informação sobre o país. Andrew Grant, por exemplo, – que nunca visitou o Brasil – consultou ao lado da obra de Raynal, o relatos de Jean de Léry, de Thomas Lindley, de Hans Staden, de Joan Nieuhof e de médicos como Willem Piso e George Marcgrave. Robert Southey, por sua vez, – que também nunca visitou o país – também fez uso das obras escritas por viajantes franceses como Jean de Léry, André Thevet, além da consulta aos arquivos portugueses e de contar com o auxílio de Henry Koster e de John Luccock que, do Brasil, informavam o poeta sobre os acontecimentos e respondiam as dúvidas que a falta do conhecimento local suscitava⁷. Já para a elaboração de sua narrativa, James Henderson

⁶ Vide: GUIMARÃES, Manuel L. S. "Nação e projeto de uma história nacional". In: *Estudos Históricos*. nº1: caminhos da historiografia. Rio de Janeiro: 1988; HOLANDA, S. Buarque de. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Monárquico. Do Império à República. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2ª ed., 1972, Vol. 5. SCHWARCS, Lília M. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil –1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁷ No caso de Robert Southey, além da biblioteca de seu tio – recheada de manuscritos portugueses e de cópias sobre a América Portuguesa -, um capelão da igreja anglicana que residia em Lisboa, o poeta contou com o auxílio de John e Henry Koster com quem trocou durante anos uma farta correspondência. Na leitura dessa

contou não somente com as observações colhidas durante sua estadia no país como também fez uso de algumas narrativas de viagem, especialmente as do século XVI, assim como a obra de cartógrafos, especialmente a do padre Ayres de Casal, a *Corografia Brasílica ou Relação Histórico-geográfica do Brasil* – cuja obra é acusada por muitos de ter sido plagiada pelo inglês -, e de naturalistas.

Ao fornecer inúmeras informações, como o clima e a geografia, por exemplo, e detalhadas descrições sobre os habitantes e alguns episódios (vivenciados ou não por esses viajantes), os relatos não só se constituíram na principal fonte de informação e de divulgação do Brasil nesse período, como foram incorporados nas narrativas históricas, na maioria das vezes de forma explícita. Nesse sentido, compreender o processo de escrita de uma história do Brasil nesse período significa contemplar os relatos e anotações de viajantes e naturalistas, entre outros, como narrativas que construíram uma interpretação do país, de seus habitantes e de sua história. Essa produção escrita não apenas exerce um papel fundamental na confecção das narrativas dos ingleses, como se fará presente, ao longo de todo o século XIX nas demais produções de cunho historiográfico.

Referências bibliográficas

FREYRE, Gilberto. *Ingleses*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

GRANT, Andrew. *History of Brazil*. Londres: Henry Colburn, 1809.

HENDERSON, James. *A History of Brazil*. comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants. Londres : Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1821.

LEITE FILHO, Joaquim de Sousa. Robert Southey. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1943, jan;mar, vol. 178.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia, 1975

SOUTHEY, Robert. *History of Brazil*. Londres : Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1810-1819.

SOUTHEY, Robert. *História do Brasil* ; traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro ; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo, São Paulo : Obelisco, 1965, vol I, II e III.

correspondência trocada entre os anos de 1804 a 1819, nos deparamos com menções à outros ingleses conhecidos e que visitaram o país, como foi o caso de John Luccock que escreveu para Southey informando-o sobre a existência de uma gramática tupi, ou então, o também já citado James Henderson que o consultou quando se preparava para escrever a sua história do Brasil. À Henry Koster, Southey dedicou sua obra, agradecendo não apenas pelas muitas informações que somente poderia recolher daqueles que já haviam visitado o Brasil como também pelas inúmeras obras e manuscritos enviados por Koster e que, tiveram uma importância fundamental na construção de sua narrativa acerca do Brasil. Para maiores informações, consulte LEITE FILHO, Joaquim de Sousa. Robert Southey. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1943, jan;mar, vol. 178.